



Título:	UM OLHAR ATÍPICO SOBRE A MATERNIDADE: ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DE MÃES DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA		
Autores:	Victória Gonçalves de Ávila Teresinha Eduardes Klafke		
Área	<input checked="" type="checkbox"/> Humanas <input type="checkbox"/> Sociais Aplicadas <input type="checkbox"/> Biológicas e da Saúde <input type="checkbox"/> Exatas, da Terra e Engenharias	Dimensão:	<input checked="" type="checkbox"/> Ensino <input type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Extensão <input type="checkbox"/> Inovação
Resumo: Atualmente, existe uma ampla discussão sobre a deficiência, todavia é necessário tecer um olhar para o cuidado de quem cuida. Dessa forma, este estudo é oriundo de um trabalho de conclusão de curso da Universidade de Santa Cruz do Sul, que se propõe a analisar a vivência de mães de pessoas com deficiência. É atribuído um enfoque na vivência materna por considerar à figura feminina o papel de principal responsável pelo cuidado e proteção do filho. Na maternidade atípica, essa realidade não se altera. O termo “mães atípicas” se refere a um grupo de mulheres que vivenciam desafios e realidades específicas, daqueles geralmente enfrentados por outras mães, elas vivem a deficiência junto com o filho. “Um olhar atípico sobre a maternidade” vem ao encontro com a construção de um olhar não convencional sobre o maternar e traz à tona maternidades invisibilizadas. Objetivou-se compreender a vivência e as percepções de mulheres que exercem a maternidade atípica, considerando os aspectos subjetivos e sociais que envolvem o maternar de uma criança com deficiência. O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa exploratória, com uma amostra de seis mães de crianças atípicas, residentes em Santa Cruz do Sul, com filhos entre seis e dezoito anos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, e os dados analisados à luz da Análise de Conteúdo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade. Os resultados evidenciaram as vivências das mulheres que exercem a maternidade atípica, para preservar a identidade das entrevistadas, seus nomes foram substituídos por fictícios, sendo todas nomeadas como Maria. Essa escolha foi inspirada na canção de Milton Nascimento, cuja estrofe anuncia: “Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer no planeta”. Assim, embora socialmente reconhecidas sobretudo como “mães”, são, antes de tudo, mulheres. O processo de análise possibilitou a construção de categorias temáticas a partir dos relatos das participantes, tais como: “Mãe geladeira ou mãe guerreira?”, que aborda a realidade e aceitação da maternidade atípica frente aos papéis sociais; Renúncias do eu, referente à abdicação da vida pessoal e à identidade silenciada; A tribo/redes de suporte das mães atípicas, que trata das experiências de inclusão e exclusão; e O mundo precisa ter o olhar de uma mãe atípica. Observou-se que essas mulheres enfrentam invalideções quanto ao diagnóstico dos filhos e sobrecarga pela dedicação exclusiva. O marcador de gênero intensifica a responsabilidade materna, diante da ausência ou do pouco envolvimento paterno. Além disso, foram identificadas lacunas nas políticas públicas voltadas à vida adulta dos filhos, sendo a rede de apoio geralmente restrita a outras mães atípicas ou a outras mulheres. Nesse sentido, a pesquisa			



pode ser entendida como um projeto vivo, pois, após sua apresentação, fez com que as narrativas reverberassem em espaços como rodas de conversa no campo educacional e na assistência social. Este estudo reafirma a necessidade de dar voz a essas mulheres e reconhecer a maternidade atípica em sua complexidade, ampliando o debate acadêmico, social e político, promovendo práticas de cuidado inclusivas e políticas públicas que contemplam tanto pessoas com deficiência quanto quem cuida. Assim, o debate não se encerra, mas estima-se que ele contribua para a escuta e o reconhecimento das múltiplas maternidades, caminhando rumo a uma sociedade mais justa e inclusiva.

Link do Vídeo:  ujn-wuzv-wte (2025-09-03 22:17 GMT-3)